

**(Re)descobrimo a prática do surf: uma abordagem ecológica e uma aprendizagem de habilidades de percepção e ação na Barra da Lagoa, Florianópolis**

Clara Merino Montero<sup>20</sup>

**Resumo:** Neste texto apresento as ideias que guiaram minha pesquisa de Mestrado e ofereço um breve resumo do desenvolvimento de tais ideias em conjunto à minha pesquisa de campo. Proponho uma perspectiva ecológica desenvolvida na Antropologia que permite de pensar a prática do surf como um modo *engajamento* no ambiente, a partir do qual habilidades de percepção e ação são desenvolvidas. Explico o processo de aprendizagem da prática na escola de surf do Josué, na Barra da Lagoa, Florianópolis, procurando expor de maneira resumida as habilidades que dele emergem. Sempre com o objetivo de confirmar que trata-se, antes de tudo, do desenvolvimento de um conhecimento prático ao invés de abstrato.

**Palavras-chave:** surf; habilidades; conhecimento; perspectiva ecológica

**(Re)inserindo o homem no mundo: perspectiva ecológica em Antropologia**

Pescadores, banhistas, surfistas, turistas e diferentes animais animam e criam a praia da Barra da Lagoa ao longo do ano. Maior núcleo pesqueiro da ilha de Santa Catarina, a Barra da Lagoa é também uma das praias mais procuradas por surfistas e banhistas, moradores de Florianópolis e turistas durante o ano todo e, sobretudo, na alta temporada do verão. Situada no centro-leste da ilha e a uns vinte quilômetros do centro de Florianópolis (ver Mapa), ela é desenhada pelos movimentos das diferentes pessoas que a habitam criando diferentes tempos ou temporadas. Assim, pode-se diferenciar três grandes temporadas que se sucedem e ritmam as principais atividades dessa parte da costa. O ano começa com a alta temporada de verão caracterizada pelo vaivém de turistas que colorem a praia durante mais ou menos três meses, de dezembro a fevereiro. Em meio aos banhistas, muitos surfistas vem também aproveitar as ondulações menores que incidem no litoral. De maio até junho, o verão cede lugar ao outono e inverno, e a temporada turística às tainhas que passam pela costa em

---

<sup>20</sup> Mestranda do programa de pós-graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina e pesquisadora no Coletivo de Estudos em Ambientes, Percepções e Práticas do CNPq (CANOA/UFSC).

## VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

seu ciclo de reprodução, chamando os pescadores a vir estender as redes na praia e botar os barcos no mar, fechando a praia exclusivamente para o cerco e arrasto de praia. Os meses restantes constituem a temporada de inverno ou baixa temporada. Caracterizada por dias mais frios, em geral, são só os surfistas que vem à praia aproveitar as ondas, assim como praticantes de outros esportes aquáticos de deslize como o *kite-surf* e o *stand-up paddle*.



Mapa – Ilha de Florianópolis e localização da praia da Barra da Lagoa

O que há em comum entre essas atividades é a estreita relação com o mar e a forte dependência das condições climáticas e marinhas. Os ritmos delas estão assim interligados a outros ritmos do ambiente. Nesse sentido, parece difícil considerar separadamente o ambiente, por um lado, e as atividades humanas, por outro. Pois, é na relação prática que a praia, e diversos lugares, se formam e retomam sua existência a cada temporada (Ingold, 2011; Descola, 2013; Devos; Coutinho; Verdana, 2015). Dessa maneira, a Barra da Lagoa é constantemente composta e re-composta por variações físicas, movimentos e ritmos do ambiente, mas que devem ser considerados em relação às



## VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

possibilidades que oferecem para a realização de atividades diversas. Assim, a praia da pesca da tainha não é a mesma praia do turismo de verão, tampouco a praia vivenciada pelos surfistas, por uma questão de diferenças, não de representações, mas principalmente de relações de *percepção e ação* estabelecidas.

Da mesma maneira que entendemos que a praia não é um cenário a ser ocupado, mas antes um lugar formado pelas práticas de seus habitantes em interação com o ambiente, pode-se supor que a percepção de *uma* praia, de um ambiente em particular, desenvolvida através de uma prática, cria um conhecimento específico. É dizer que ambiente e organismo produzem-se *na* relação, a partir e ao longo de práticas de percepção e ação. Seguindo essas ideias, a implicação do homem no ambiente pode ser compreendida como diferentes modos de *engajamento* no mundo (Ingold, 2000), através de diferentes contextos práticos. Essa perspectiva é assim caracterizada pela compreensão da sinergia do organismo e do ambiente, permitindo repensar as relações entre organismo e ambiente, de um lado, percepção e ação, de outro. Não se pode pensar em um organismo sem um ambiente, nem o contrário. Necessariamente juntos, ambiente e organismo formam um sistema de relações interdependente e dinâmico. Dessa maneira, o ambiente é um conceito relativo a alguma coisa, não existe senão em interação com um organismo. E o engajamento de um organismo no ambiente é um processo prático e ativo. Assim, a experiência no mundo se constitui a partir de um conhecimento que emerge de um processo de desenvolvimento prático em um ambiente particular.

Pescadores, turistas e surfistas se engajam em ambientes de praia e de mar de maneiras distintas e, desse modo, os conhecimentos que desenvolvem são diferentes. Se tomarmos essa ideia como ponto de partida, abre-se, então, um novo caminho para pensar a percepção “concernente às maneiras pelas quais nosso conhecimento do ambiente é alterado por técnicas de uso dos pés e pelos muitos e variados dispositivos que atrelamos aos pés a fim de melhorar a sua eficácia em tarefas e condições específicas” (Ingold, 2010:88). E não pode-se ignorar, nesse mesmo sentido, o uso de remos nos barcos, nadadeiras de mergulho ou, no caso desta pesquisa, de pranchas de surf.

Sobre o conceito de *conhecimento* aqui empregado, cumpre salientar que a perspectiva teórica desenvolvida ao longo deste trabalho é uma abordagem ecológica (Ingold, 2000), mais devedora às perspectivas fenomenológicas e “prático-teóricas” sobre percepção e cognição do que à ciência cognitiva clássica, a qual considera a percepção como um produto de operações mentais seguintes à internalização passiva de estímulos sensoriais, que resulta na construção de mundos abstratos e



## VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

simbólicos. Uma ecologia da percepção propõe, ao contrário, tratar-se de um processo dinâmico, onde perceber é buscar informação no ambiente através do e *no* movimento, para realizar alguma ação. Assim, o conhecimento que o homem tem do ambiente não é um conhecimento formal, transmissível fora do contexto da sua aplicação prática, mas apoia-se em maneiras de sentir-agir constituídas pelas habilidades e orientações desenvolvidas ao longo de experiências com o ambiente. Surfar, como navegar, nadar ou pescar, são atividades que supõem, e até geram, um tipo de conhecimento que é prático e irredutível ao discurso.

Por conseguinte, propõe-se a necessidade de recolocar a prática, como o corpo e o movimento, no centro do conhecimento, para além de uma análise centrada em discursos, representações e símbolos. Para isso, com essas primeiras ideias em mente, voltemos à praia da Barra da Lagoa. Como apresentei, diferentes atividades são desenvolvidas seguindo ritmos temporais. No entanto, a prática do surf é bastante regular ao longo do ano – excluindo a temporada da tainha – porque se relaciona com elementos constantes, que são o vento, a ondulação do mar, marés e a bancada da praia, independentes das temporadas e presentes em todas elas. De maneira geral e simples, essa prática depende das ondas, e mesmo se a qualidade delas varia no verão e no inverno, sempre haverá alguma *marolinha*<sup>21</sup> para surfar. A prática e a aprendizagem do surf foram escolhidas para desenvolver tais ideias por uma primeira e principal razão.

Para observar e pensar a interação do homem com o ambiente, e o desenvolvimento de conhecimentos práticos, a prática do surf revela-se especialmente rica, fornecendo um laboratório de pesquisa antropológica para estudar essas questões. O surf se dá onde as ondulações do oceano encontram as terras do litoral. Este lugar não contém limites fixos e os elementos, a água ou o vento, estão em movimento permanente e sempre cambiante. O caráter efêmero e aparentemente aleatório do mar, que é superfície e meio para a prática, é o que torna, então, muito interessante a pesquisa sobre esse modo de engajamento que busca corresponder às ondas. Para os surfistas, perceber e vivenciar esse ambiente consiste em procurar regularidades nas aparições das ondas, identificando as forças e as direções das correntezas para lograr criar os seus próprios ritmos conjuntamente ao ritmo das ondas.

---

<sup>21</sup> A maioria dos termos grafados em itálico correspondem neste texto a expressões próprias ao campo etnográfico ou palavras estrangeiras, se não, marcam o ênfase da autora.



## VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

Assim, a partir de primeiras observações no campo, inferi que a relação estritamente concreta e técnica do surf com o mar requer rejeitar a sua compreensão em termos seja do determinismo das condições naturais, que levaria a uma consideração “adaptacionista” da prática, seja de uma concepção “construcionista”, que trata o ambiente como simples resultado da formulação simbólica de um engajamento particular. Diferente do que supõem essas duas perspectivas, objetos de intensos e infundáveis debates em antropologia, o surfista desenvolve sistemas de percepção e ação que são imanescentes à própria relação prática com as ondas e demais elementos que compõem o ambiente. Dessa maneira, a preocupação dessa pesquisa ultrapassa a discussão do conhecimento como inato ou adquirido, para focar na observação e compreensão do desenvolvimento de capacidades de percepção e de ação (ou motricidade) na prática do surf através de uma pesquisa etnográfica.

Se o foco da pesquisa é assim compreender modos de engajamento, como uma prática se desenvolve em um ambiente, como o surfista *surfa*, é preciso compreender como uma pessoa torna-se surfista. Mencionei que o conhecimento não preexiste e nem é reconstruído mentalmente, não se trata de uma aquisição imediata e automática, mas de um processo de aprendizagem em um contexto, *com* outros praticantes, *com* movimentos do ambiente. Retomando as ideias de Leroi-Gourhan (1987) sobre a técnica, trata-se de um conhecimento que não é propriedade de uma pessoa, mas uma relação entre movimentos e coisas, que abarca ferramentas, corpos e ambientes. No caso do surf, deve-se considerar o surfista, a prancha e as ondas conjuntamente a todos os elementos que as criam, como os demais equipamentos e outros surfistas. É fundamental considerar como se relacionam todos esses elementos e como essa relação se desenvolve, por assim dizer, para um surfista passar de inexperiente a experiente, ou habilidoso.

Ao longo dos seus trabalhos, mas principalmente em *The Perception of the Environment*, Ingold (2000) propõe uma abordagem processual da relação entre um organismo e um ambiente, avançando que o conhecimento é antes de tudo *habilidades*. Refere-se a capacidades de ação e percepção desenvolvidas em um ambiente particular e rico em informações perceptivas, isto é, propriedades que emergem dentro de um sistema dinâmico de relações. Entende-se assim que se tornar hábil na prática de uma certa atividade não é uma questão de aquisição de um conteúdo cultural específico, mas de um processo de experiências de envolvimento perceptivo com os movimentos do ambiente. Dessa maneira, o estudo das habilidades exige uma perspectiva que situe o praticante, desde o início, no contexto de um envolvimento ativo com os constituintes de seu ambiente. Consequentemente, uma

pesquisa com o foco em habilidades deve considerar o processo de habilitação – ou *enskillment* (Pálsson, 1994) – considerando o campo mais amplo de relações que transcende o humano, para compreender a finalidade e intencionalidade imanentes à própria atividade das habilidades.

Assim, neste texto, que se propõe como um resumo de um trabalho muito mais extenso, pretendo apresentar, de maneira sintetizada, como desenvolve-se a aprendizagem da prática do surf em uma escola em particular, introduzindo as habilidades que emergem do engajamento do aprendiz-surfista no ambiente das ondas.

### **Da teoria à prática: descobrindo habilidades na aprendizagem do surf**

Não são todos os surfistas que aprendem a surfar com um professor. Muitos “se jogam” sozinhos no mar e aprendem com seus erros. No entanto, percebi que geralmente há alguma pessoa que cumpre a relação de professor ou “mestre”: um amigo, parente ou outro surfista mais experiente que frequenta a mesma praia. Decidi acompanhar e participar da aprendizagem em uma escola de surf, pois poderia assim seguir diferentes alunos ao mesmo tempo e ter comentários de surfistas experientes com conhecimento sobre o ensino do surf. Assim, para pensar as questões apresentadas, realizei uma pesquisa de campo na praia da Barra da Lagoa, em Florianópolis. No acesso principal à praia da Barra da Lagoa, próximo ao canto esquerdo, durante a temporada de verão, pode-se ver entre todos os guarda-sóis espalhados na areia, uma tenda azul com uma bandeira do Brasil tremulando. Trata-se do lugar de encontro da “Josué – Surf school”, ou “escolinha da barra”, ou ainda a “escolinha do Josué”. A escola foi criada no ano 2000 pelo professor Josué Rezende, praticante de surf desde criança, formado em Educação Física e com pós-graduação em “Atividades aquáticas”. Durante a pesquisa de campo, ela contava com dois professores permanentes, o próprio Josué e Valéria, além de um outro professor ajudante, sobretudo, para as aulas para iniciantes. Essa foi a minha escolha para realizar a pesquisa de campo, com o propósito, como expliquei anteriormente, de compreender, e participar, o processo de aprendizagem da prática do surf.

A escola do Josué oferece aulas de três níveis distintos: Iniciante, para aqueles que surfam pela primeira vez ou com muito pouca experiência; Intermediário, para quem já possui uma noção básica de surf e quer se tornar mais seguro e independente na prática; e Experientes, para surfistas que querem melhorar a sua técnica e se preparar para competir campeonatos. Nesta pesquisa, privilegiei



## VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

alunos iniciantes e intermediários, ainda que tenha observado aulas para alunos experientes, realizadas geralmente em outra praia (na praia Mole ou Moçambique) e que incluíam a filmagem e a exibição de vídeos para comentar o desempenho dos alunos. Além das aulas de surf em si, eram dadas aulas de condicionamento físico na areia da praia ou em piscinas, geralmente durante o inverno, quando a prática de surf e outros esportes aquáticos é suspensa na praia da Barra da Lagoa para a pesca da tainha. Nessa época, as aulas são realizadas com menor frequência e em outras praias. Na Barra, as aulas de surf costumam ser realizadas na faixa da orla entre o canto da praia nos molhes e a chamada “casinha de concreto” – a um quilômetro de distância, aproximadamente – que abriga uma bomba de água que alimenta a estação de maricultura da Universidade Federal de Santa Catarina (ver Mapa 1).

Através do meu próprio engajamento como antropóloga e, ao mesmo tempo, aprendiz na escola, diferenciei assim três grandes momentos, ou etapas, desse processo de aprendizagem. Uma aula para iniciantes começa com a escolha dos equipamentos, sendo a prancha um dos mais importantes, pois uma escolha errada – por exemplo, de uma prancha muito pequena – pode dificultar a aprendizagem dos primeiros movimentos. A prancha é trocada na medida em que o aluno desenvolve maior controle em seu acoplamento com ela, obtendo ao longo maior liberdade de movimento. Mas antes mesmo de experimentar a prancha na água, o iniciante aprende a realizar o “movimento base” de por-se em pé sobre a prancha desenhada na areia (ver Foto 1). Esse movimento é fundamental à prática do surf. É por meio dele que o surfista assume a disposição adequada, ou *base*, para a prática. Por isso, chamo ele de “movimento base”.

## VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017



Foto 1 - Josué mostra como é feito o “movimento base” na prancha desenhada na areia.

O segundo momento da aprendizagem ainda acontece na areia da praia. Antes de entrar no mar, o surfista avalia as condições do mar procurando o *pico*, a zona que lhe oferece as ondas mais adequadas para a prática (ver Foto 2). O aluno aprende a “ter o olho”, voltar a sua atenção para as variações e regularidades na formação das ondas antecipando a sua entrada na água. Os surfistas procuram *affordances* (Gibson, 1986), propriedades que consistem em (im)possibilidades de ação, e que emergem da relação particular entre um surfista e as condições das ondas. Ainda que alguns dos surfistas utilizem a metáfora de “leitura” do mar, não se trata de uma leitura no sentido figurado. A leitura é um processo de decodificação, é dizer um processo de tradução ou interpretação de um código arbitrário que estaria implícito nos movimentos do mar. No entanto, como explico, o que os surfistas fazem é uma espécie de “varredura” do mar, apreendendo a conformação deste conforme aos diferentes efeitos dos fatores.



## VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017



Foto 2 - Josué chama a atenção das alunas e explica a formação das ondas para determinar em qual zona da praia eles vão entrar.

Depois dessas primeiras orientações e percepções desde a areia, o aluno entra na água, onde descobre e se familiariza com os movimentos do mar, de maneira principalmente háptica. Sempre com a ajuda e observação do professor, o aprendiz descobre-caminho até chegar no *outside* através de um jogo de improvisação com os movimentos das ondas que lhe abraçam. Essa passagem pela arrebentação terá então continuação com o movimento, decisivo para pegar a onda corretamente, do drop (ver foto 3). Ao conseguir entrar assim na *linha* da onda, geralmente depois de numerosas quedas, *vacas* e *caldos*, o aprendiz experimenta o deslize com a onda, caracterizado pela capacidade de harmonia e fluidez com o movimento progressivo da onda.

Para compreender de maneira correta as habilidades aqui desenvolvidas, é importante entender que, ainda que o método de ensino usado na escola de surf estabeleça a necessidade de aprendizagem de alguns movimentos antes de outros, a aprendizagem e o desenvolvimento de habilidades se dão conjunta e simultaneamente, ao longo da prática continuada. As diferentes etapas apresentadas foram distinguidas por razões metodológicas, com a intenção de evidenciar os diferentes englobamentos possíveis do recorte surfista-prancha-onda nessas diferentes etapas. Assim, em cada momento da



## VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

aprendizagem são desenvolvidos diferentes “sub-sistemas”, como surfista-prancha e surfista-onda, nos quais o “surfista” aparece não como um corpo definido e fechado, mas como um sistema flexível. Entende-se que toda percepção, orientação e movimento aprendido faz parte de um processo contínuo em que o desenvolvimento de um movimento, por exemplo, permite o desenvolvimento de outro. Trata-se de um engajamento atento da parte do aluno, em vez de um mero acoplamento ou sequência mecânica. Desse modo, cada habilidade tem a sua própria intencionalidade (Ingold, 2000:354).



Foto 3 – Surfista *dropando* uma onda

Dessa maneira, o processo de aprendizagem aqui apresentado confirma que a habilidade do surfista não constitui um conhecimento abstrato, tampouco um gesto adquirido, mas é conjugação de percepções e ações que entram no desempenho de movimentos do surfista. A prática do surf exemplifica perfeitamente essa ideia, pois os movimentos dos praticantes devem se ajustar às inúmeras variações que aparecem na criação de movimentos, do organismo e do ambiente. O surfista aprende assim a desenvolver certa maleabilidade dos seus movimentos para sempre agir com a melhor



## VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

resposta, no sentido da noção de “destreza” de Bernstein (1996). Diria que, de maneira geral, as habilidades do surfista se conjugam na estabilidade do acoplamento surfista-prancha, e na correspondência desse primeiro sistema com a onda, isto é na correspondência nos movimentos do surfista com a prancha com a onda. Essa análise permite de corroborar o argumento de Ingold segundo o qual a habilidade é uma propriedade de um campo de relações, emergindo assim de uma forma de uso de ferramentas e do corpo, de uma prática, é dizer, imanente à sinergia desse campo de relações (Ingold, 2000).

### Bibliografia

BERNSTEIN, N. 1996 [1940]. **Dexterity and its development**. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, Inc.

DESCOLA, P. Anthropologie de la nature. **L’annuaire du Collège de France** [En ligne], Nov. 2013.

DEVOS, R; COUTINHO, G; VEDANA, V. La production du paysage. Pratiques de pêcheurs em bord de mer (Santa Catarina, Brésil). **Études rurales**, 196, p. 57-72, jul./dez. 2015.

INGOLD, T. **The perception of the environment: essays on livelihood, dwelling and skill**. London and New York: Routledge, 2000.

INGOLD, T. Da transmissão de representações à educação da atenção. **Educação**, Porto Alegre, v.33, n.1, p. 6-25, jan./abr. 2010.

INGOLD, T. **Being alive: essays on movement, knowledge and description**. London and New York: Routledge, 2011.

GIBSON, J. **The ecological approach of visual perception**. New York: Taylor & Francis Group, 1986 [1979].

LEROI-GOURHAN, A. **O gesto e a palavra II: memória e ritmos**. Lisboa: Edições 70, 1987.

PÁLSSON, G. Enskilment at sea. **Man**, n.29, p. 901-27, 1994.